

Sumario:

El retorno a una catequesis "iniciática" es el desafío que nos presenta el autor. Para responder a este desafío, hace algunas consideraciones históricas, examina el concepto de "iniciación" y de "misterio", profundiza en la naturaleza de la iniciación cristiana, describe las características, organización y metodología de la catequesis de iniciación y da luz sobre el sentido y el alcance del proceso de iniciación. En la parte conclusiva, propone la consolidación de una catequesis de iniciación a los misterios cristianos, desarrollando mejor su dimensión catecumenal y acentuando la conversión y una auténtica experiencia de Dios.

Catequese com adultos e iniciação cristã

Pe. Luiz Alves de Lima, sdb

Salesiano, é experto do DECAT, membro do Grupo Nacional de Reflexão Catequética da CNBB, Presidente da Sociedade dos Catequistas Latino-americanos, Professor de Catequética no Instituto Teológico Pio XI de São Paulo, no Studium Theologicum em Curitiba e no ITEPAL (Instituto de Teologia e Pastoral Latinoamericano) de Bogotá, Colômbia, membro da equipe de redação da Revista de Catequese da Editora Salesiana da São Paulo.

Introdução¹

Parece que a Igreja, e com ela a catequese, estão se interessando por uma das realidades mais vitais da fé cristã, e que, infelizmente, por motivos diversos, havia caído no esquecimento através dos séculos: a iniciação cristã. “Como invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram falar? e como ouvirão, se não há quem pregue?” (*Rm* 10, 14).

Pregação e anúncio são ministérios da palavra muito valorizados. Porém, o processo de uma verdadeira *iniciação* na fé cristã, com o advento da cristandade, passou para um segundo plano pois foi julgado desnecessário. A própria vida de comunidade, ou melhor, da assim chamada *sociedade cristã*, já se encarregava desta iniciação através dos processos de socialização. A catequese, que originalmente era a atividade encarregada desta importante tarefa, com o nome de *catecumenato*, transformou-se em educação doutrinal daqueles que já nascem dentro de famílias cristãs. Hoje, vivendo num mundo des-cristianizado e pluralista, tomamos consciência do valor e da necessidade da iniciação cristã dos que desejam participar da Igreja.

¹ Palestra pronunciada durante a 2^a. *Semana Brasileira de Catequese* em Itaici, SP (Brasil) no dia 11 de outubro de 2001. Aqui usaremos as seguintes siglas: *AG* = Ad Gentes (Vat. II); *CA* = *Com Adultos Catequese Adulta* (CNBB Estudos 80, 2001); *CR* = *Catequese Renovada Orientações e Conteúdo* (CNBB Doc. 26, 31^a ed.); *CT* = *Catechesi Tradendae* (JPaulo II, 1979); *DGC* = *Diretório Geral para a Catequese* (1997); *DV* = *Dei Verbum* (Vat. II); 2^a. *SBC* = 2^a. *Semana Brasileira de Catequese* (8-12 de outubro de 2001); *LG* = *Lumen Gentium* (Vat. II); *MPD* = *Mensagem ao Povo de Deus* (Sínodo 1977); *RICA* = *Rito da iniciação de cristãos adultos* (1972; em 2001 publicou-se uma edição renovada no Brasil); *SC* = *Sacrosanctum Concilium* (Vat. II).

1. Necessidade de um retorno à catequese iniciática

Primeiramente é necessário partir desta consideração: o cristianismo é uma *religião iniciática*. A profissão e vivência da fé, não são algo natural. A “anima naturaliter cristiana” de Tertuliano, se refere mais às generalidades da religiosidade cristã, e não tanto ao específico seguimento de Jesus e a prática de seu evangelho. Descobrir o *mistério* da pessoa de Jesus e os *mistérios do Reino*, assumir os compromissos de seu caminho, viver a ascese requerida pela moral cristã... são realidades muito exigentes. Enfim, a verdadeira *conversão* ou *metanoia* (mudança de mentalidade) supõe uma certa maturidade humana e toca as mais profundas tendências humanas.

Uma catequese que se reduz à preparação para os assim chamados *sacramentos da iniciação*, considerados muitas vezes como simples práticas devocionais ou de uma certa tradição religiosa fluida e descomprometida, realmente não resolve o complexo problema da *iniciação cristã*. Apesar dos grandes esforços que se tem feito na pastoral catequética em várias partes da América Latina, e em geral em toda a Igreja, a desejada iniciação cristã de muitos dos nossos batizados não chega a se concretizar.

Tanto a catequese tradicional como a catequese renovada no pós-concílio, geraram certamente bons frutos de vivência e práticas cristãs, como os católicos que militam nas pequenas comunidades e nos mais diversos movimentos, ou mesmo aqueles que sem pertencerem a determinado grupo eclesial, vivem sua fé em profundidade no testemunho familiar e na vivência social. Entretanto, ao lado destes bons frutos há também aquela multidão de pessoas que passaram por um processo catequético na idade infantil, porém sem resultados práticos no seu dia a dia como jovens e adultos, ao menos por aquilo que podemos constatar exteriormente. São cristãos não convertidos, cristãos sem convicções sólidas ou pessoas nas quais se constata uma profunda ignorância religiosa (o que não implica a só dimensão intelectual ou doutrinal da fé) ou um lamentável infantilismo religioso; enfim, são pessoas não iniciadas.

Daí a necessidade de formas de catequese que estejam verdadeiramente *a serviço da iniciação cristã*, na complexidade de suas

exigências, como muito bem afirma o *DGC* (nºs 63-68). Sente-se hoje a necessidade urgente de revisão profunda da nossa prática eclesial, em que pese tudo o que se fez até hoje, em vista de restabelecer, na sua originalidade e função primordial, a *iniciação cristã*.

2. Fundamentação antropológica

Além de uma dificuldade de nível histórico acima apontado (a falta de consciência sobre a importância e necessidade da *iniciação* na fé cristã), sentimos também uma dificuldade de nível antropológico. Qual o sentido profundo dos *processos iniciáticos* nas culturas? A tradição cristã inspirou-se nas antigas religiões místicas onde a iniciação (processo cercado de ritos, práticas culturais, provas e exercícios, etc.) era a porta de entrada e de acesso às realidades divinas. Que sentido tem isso hoje?

Lemos no *Texto Base* dessa 2a. SBC: “para entender melhor a tarefa da catequese é importante aprofundar o *conceito de iniciação*. Nossa sociedade moderna e pós-moderna perdeu, quase por completo, o elemento cultural da *iniciação*, tão radicado em outras culturas. Há alguns resquícios aqui e ali (festa das debutantes, certos passos ou provas para pertencer a um determinado grupo...).

Sua presença é muito significativa em culturas tecnicamente primitivas (indígenas, tribos africanas) e em grupos religiosos (batismo, circuncisão, ablação, etc.). A iniciação está ligada, portanto, aos denominados *ritos de passagem*, de entrada na vida adulta, de mergulho na vida social e religiosa do grupo, da comunidade, do povo. Como tal, ela implica um processo a ser percorrido, com uma determinada meta a ser alcançada, exclusiva para os iniciados, o que se realiza mediante um rito específico de passagem.

Neste sentido a catequese, considerada como *iniciação*, não significa uma supérflua introdução na fé, um verniz de cristianismo ou um cursinho de admissão à Igreja. Trata-se de um processo exigente, uma caminhada, um itinerário. Aquilo que os ritos de iniciação representam para a vida sócio-cultural de um grupo, a catequese deveria representar para a vida cristã: *é processo de iniciação*,

preparação e compreensão vital e de acolhimento dos grandes segredos (mistérios) da vida nova revelada em Jesus Cristo"².

3. Realizações históricas e reflexões atuais

3.1. A iniciação cristã na história

No cristianismo, desde os primórdios, a iniciação cristã se fazia através do catecumenato. Sua instituição foi uma das mais felizes e eficazes criações de toda a história da Igreja, gerando inclusive o núcleo do desenvolvimento do ano litúrgico que até hoje está em uso. Inspirando-se em práticas já antigas e adotadas por outras correntes religiosas, os cristãos elaboraram um processo através do qual os novos membros eram *verdadeiramente iniciados* aos *mistérios cristãos* e à vida de fé da comunidade. Era um processo de *iniciação*, no sentido mais profundo e rico que esta palavra possui. Recebeu o nome de *catecumenato*, donde *catecúmeno* que corresponderia ao nosso *catequizando* de hoje: "aquele que deve ser iniciado na fé". O *catecumenato* conheceu seu auge nos séculos III e IV.

A partir do século V o catecumenato veio a eclipsar-se, devido a várias causas, entre elas a introdução do batismo em massa e o batismo de crianças. Os grandes Santos Padres do fim do século IV e século V, inclusive Santo Agostinho, tiveram que lutar muito para sustentar alguns elementos importantes do processo iniciático, que já então perdia sua força³.

² CNBB-GRECAT, *Com adultos, catequese adulta: texto base elaborado por ocasião da 2a. Semana Brasileira de Catequese* = Estudos da CNBB 80, São Paulo, Paulus 2001, n.ºs 102-103

³ Este tema foi mais aprofundado, sob o ponto de vista histórico, na 2^a. *Semana Brasileira de Catequese* (8 a 12 de Outubro de 2001). Cf. LUIZ ALVES DE LIMA, *Memória do catecumenato na história* in *Segunda Semana Brasileira de Catequese: catequese com adultos* = Estudos da CNBB 84, São Paulo, Paulus 2002, pp. 229-243; DOMINGOS ORMONDE, *Vale a pena os catequistas conhecerem o catecumenato* in *Ibid.* pg 244-253.

A vida religiosa de certa maneira mantém o esquema da *iniciação cristã* do modelo catecumenal no momento de *introduzir* seus candidatos a esta forma de vida consagrada. Assim, as etapas da vida religiosas são muito parecidas com as etapas do catecumenato: aspirantes, postulantes, pré-noviços (pré-catecúmenos), noviços (catecúmenos), pós-noviços ou juniores (neófitos) e religiosos de profissão perpétua ou solene (cristãos iniciados).

Durante a Idade Média, em geral, há desconhecimento teórico e prático da iniciação cristã e do catecumenato: vive-se a cristandade! A própria comunidade cristã, como em geral a sociedade e todo o clima cultural, realiza as funções do processo iniciático. O Concílio de Trento (1545-1565) fez tímidas tentativas com relação ao catecumenato.

Na América Latina, os missionários nem sempre pensaram na necessidade de um processo de iniciação cristã em vista do batismo, pois ele, necessário para a salvação, não é ponto de chegada de uma caminhada de conversão, mas ponto de partida, ao qual se seguirá a catequese, quase sempre, de caráter doutrinal. Os franciscanos no México adotam a prática de batismos em massa, dedicando-se depois, com admirável adaptação e inculturação, ao trabalho catequético. Já os agostinianos estabelecem um certo rito de iniciação, através de instrução doutrinal, exorcismos e escrutínios. Alguns sínodos prescrevem, já na metade do século XVI, um mínimo de catequese pré-batismal. Os catecismos, que pululam em toda a América, em geral vão numa linha só doutrinal. O esforço feito por São Turíbio de Mongrovejo e seu catecismo inculturado (1584) foi fadado ao insucesso diante do rolo compressor dos catecismos espanhóis de Ripalda (1591) e Astete (1593).

No Brasil não se conhece nenhum esforço na linha do catecumenato. Na Ásia, pelo contrário, pelo fato de se lidar com populações mais “cultas”, há as experiências das “casas de catecumenato”, onde, durante 3 meses se tenta um processo de iniciação cristã. Na África, houve ensaios muito bem sucedidos com a restauração do catecumenato, o que até hoje produz bons resultados. Na Europa, a publicação do *Ritual Romano* de 1614, que propriamente chega até o Vaticano II, não faz referência nenhuma às etapas do catecumenato,

contribuindo para que a *iniciação cristã* fosse solenemente ignorada na Igreja Latina⁴.

Já em pleno século XX, países de antiga cristandade, como a França, e posteriormente a Espanha foram os que mais se destacaram no sentido de uma revalorização do processo de iniciação à fé ou re-iniciação de batizados. O Vaticano II pediu o restabelecimento do catecumenato (*SC, AG, LG, CD, PO*) e o *Diretório Catequético Geral* (1971) fez aceno à forma particular de catequese para adultos que é a catequese de iniciação cristã ou catecumenato de adultos (cf nº 96). Em 1972 foi publicado o *Rito de iniciação cristã de adultos* (RICA). Trata-se de um importantíssimo livro litúrgico e não tanto catequético, mas infelizmente pouco conhecido⁵. Os esforços mais significativos de recuperação dessa prática catecumenal estão descritos na obra de E. ALBERICH – A. BINZ, *Formas e Modelos de Catequese de adultos* (cf. os dois primeiros capítulos: “Catequese de adultos como iniciação na fé: o catecumenato” e “Catequese de adultos como reiniciarão na fé: itinerários catecumenais para batizados”)⁶.

3.2. A iniciação nos documentos recentes

Se quisermos analisar as *orientações do magistério*, em geral todos os recentes documentos, quer das igrejas locais e continentais, como do magistério pontifício, insistem na necessidade de uma catequese com adultos e de iniciação⁷. A *Evangelii Nuntiandi* (1975),

⁴ Embora a *Catechesi Tradendae* afirme que “muito embora a Igreja tenha mudado a sua prática neste campo nos antigos países cristãos, o catecumenato aí nunca foi abolido; ao contrário tem aí uma renovação” (nº 23). Em nota, faz referência genérica ao *Rito de iniciação cristã de adultos* (RICA).

⁵ Sobre a nova edição brasileira do RICA veja a palestra de Domingos ORMONDE durante a 2ª. *Semana Brasileira de catequese* (cf nota 3, acima).

⁶ Cf E. ALBERICH – A. BINZ, *Formas e Modelos de Catequese de adultos*, Editora Salesiana, São Paulo 2001, pp. 27-65. Sobre a história da iniciação cristã, particularmente do *catecumenato* há muitos estudos. O mais recente, no Brasil, é o de IRMÃO NERY, *Catequese com adultos e catecumenato*, Paulus, São Paulo 2001, com boa bibliografia no final.

⁷ A *Catechesi Tradendae* faz 6 referências à *iniciação cristã*; constata que na catequese das primeiras idades nem sempre as crianças são plenamente iniciadas na fé (nº 19); entre as características de uma *catequese sistemática* é apontada a “iniciação cristã integral, aberta a todas as outras componentes da vida cristã (nº 21); afirma que “uma catequese autêntica é sempre *iniciação* ordenada e sistemática à revelação que Deus faz de si mesmo ao homem em Cristo” (nº 22); une intrinsecamente a catequese aos sacramentos, uma vez que “na Igreja primitiva o catecumenato e a *iniciação* aos Sacramentos do Batismo e da Eucaristia identificavam-se” (nº 23); insiste com os pais para que os pais transmitam às crianças os primeiros elementos da catequese, chamando a isto de “iniciação precoce” (nº 36).

impulsionando a Igreja para a urgência da evangelização, abriu caminhos para que se valorizasse mais a iniciação cristã de adultos, o que explicitamente foi abordado no Sínodo de 1977 e seu precioso documento *Mensagem ao Povo de Deus*: “o modelo de toda catequese é o catecumenato batismal, formação específica que conduz o adulto convertido à profissão de sua fé batismal na noite pascal. Ao longo desta preparação, os catecúmenos recebem o Evangelho (Sagradas Escrituras) e sua expressão eclesial, que é o Símbolo da fé” (nº 8).

Entre os documentos recentes, sobressai o *Diretório Geral para a Catequese* (1997), que se caracteriza particularmente pela ênfase que dá à catequese de iniciação e a recuperação do catecumenato. Duas afirmações fundamentais:

“A catequese de iniciação é o elo necessário entre a ação missionária, que chama à fé, e a ação pastoral, que alimenta continuamente a comunidade cristã. Não é, portanto, uma ação facultativa, mas sim uma ação basilar e fundamental para a construção, tanto da personalidade do discípulo, quanto da comunidade. Sem ela, a ação missionária não teria continuidade e seria estéril. Sem ela, a ação pastoral não teria raízes e seria superficial e confusa: qualquer tempestade faria desmoronar todo o edifício” (*DGC* 64; cf 65-68).

Depois de citar o texto da *MPD* acima lembrado, diz: «Esta formação catecumenal *deve inspirar as outras formas de catequese*, nos seus objetivos e no seu dinamismo» (*DGC* 59; cf 68, 90-91, 277).

Neste *DGC*, ao descrever a *natureza, finalidade e tarefas* da catequese (cap. III da primeira parte), coloca-se em evidência a restauração do *catecumenato batismal*, ou seja, da iniciação ao cristianismo, através de um processo gradual de amadurecimento e crescimento (cf *DGC* 88-90). Os graus são os mesmos quatro da grande tradição catecumenal:

1. pré-catecumenato (centralizado no anúncio do *querigma*);
2. o catecumenato propriamente dito (núcleo do processo, contemplando uma formação integral através do ensino, dos ritos e exercícios de vida cristã);

3. o tempo de purificação e iluminação, como preparação próxima aos sacramentos e sua celebração;
4. a catequese mistagógica caracterizada pela compreensão mais profunda dos sacramentos já recebidos, seus símbolos e figuras, como também pelo pleno ingresso na comunidade.

E aponta o conteúdo deste processo catecumenal: catequese bíblica, doutrinal e mistagógica. Termina com uma frase que pode ser tida como a grande tese deste *Directório*, juntamente com a citada acima: “esta concepção patrística [de catequese] continua a ser uma fonte de luz para o catecumenato atual e para a própria catequese de iniciação... essencialmente gradual e eminentemente cristocêntrica” (nº 89).

Entre os textos das Igrejas locais sobre a iniciação cristã, merece especial menção o documento da Conferência Episcopal Espanhola: *Iniciación cristiana: reflexiones y orientaciones*⁸, como também o documento do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Italiana: *Per il catecumenato degli adulti*⁹.

Em nível de estudo, existem, entre outras, as obras de Casiano FLORESTAN, especialista no assunto. Seus vários escritos sobre a *iniciação cristã* estão sintetizados na obra “Catecumenato: história e pastoral da iniciação”. Numa primeira parte ele aborda questões gerais sobre “o fato da iniciação”, seguida da “história do catecumenato” (2ª. parte) e do “itinerário catecumenal” (3ª. parte) A última parte põe em relevo a *ação catecumenal* através dos elementos constitutivos centrais da iniciação: conversão, catequese, liturgia e comunidade. Sem dúvida nenhuma, esta é a obra mais séria e completa sobre a iniciação cristã, em português.

Como produção brasileira, temos dois estudos da CNBB relacionados à *catequese com adultos e iniciação*, especialmente produzidos para essa 2a. SBC: o primeiro, é o assim chamado *Texto*

⁸ CONFERENCIA EPISCOPAL ESPAÑOLA: *Iniciación cristiana: reflexiones y orientaciones* in *Boletín oficial de la Conferencia Española* nº 59, 1998.

⁹ CONSELHO PERMANENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA: *Per il catecumenato degli adulti* in *Il Regno*, XLII (1997) nº 794, pp. 343-359.

Base “Com Adultos Catequese Adulta” (Estudos da CNBB 80). O segundo, publicado também recentemente, é fruto de dois seminários em torno deste tema. Intitula-se “O itinerário da fé na iniciação cristã de adultos”. Além de depoimentos de adultos a respeito de sua caminhada (ou não caminhada) na fé e de comunicações, por parte de catequistas, de experiências com itinerários de iniciação com adultos, há também estudos em nível psicológico, teológico, pastoral e metodológico.

4. Conceito de iniciação e de mistério

4.1 Os cultos iniciáticos

Etimologicamente “iniciação” provém do latim “in-ire” ou seja, entrar bem dentro. O dicionário *Aurélio* a define como: “Processo, ou série de processos de natureza ritual, que efetivam e marcam a promoção de indivíduos a novas posições sociais (como, p. ex., sua passagem às diferentes fases do ciclo de vida e, em particular, sua incorporação à comunidade dos adultos) ou o acesso a determinadas funções religiosas ou políticas” ou ainda: “preparação pela qual se inicia alguém nos mistérios de alguma religião ou doutrina e a cerimônia dela decorrente”.

Trata-se pois de um processo de aprendizagem, de assimilação e aquisição progressiva de uma doutrina, de práticas determinadas de um estilo de vida. A *iniciação* é vista também como processo de socialização pelo qual uma pessoa assimila existencialmente crenças, valores, costumes ou comportamentos novos, enfim, um estilo de vida do grupo social onde ele se insere.

Nas sociedades chamadas primitivas a *iniciação* é constituída por um conjunto de provas, ritos e ensinamentos que o jovem, chegado à puberdade, deve superar a fim de ser introduzido na vida adulta, conseguindo assim uma nova identidade pessoal e o reconhecimento social. Nas religiões místicas, momento essencial da iniciação era a experiência religiosa, através do conhecimento de coisas ocultas (daí o nome de *religião mística*) e a prática de ritos para transformar os iniciados. Há hoje sociedades secretas (Maçonaria,

Rosa Cruz, etc) que se caracterizam, entre outras coisas, por um profundo processo de iniciação aos seus segredos (mistérios).

O aspecto de “segredo” (*mysterion*, em grego¹⁰) determinou fortemente a terminologia da iniciação: mistério, misterioso, misterioso, mística, místico, misticismo, mistificar, mistagogo, mistagogia, mistagógico, etc. *Mysterion* = mistério, passou a significar coisa secreta, inacessível ao conhecimento humano; em termos religiosos significa uma realidade divina, uma doutrina ou ainda um *rito* (conjunto de ações sagradas) que leva ao contato com o sagrado e cujo conhecimento é reservado só a um pequeno número de iniciados. Daí também o conceito de ocultismo ou *esoterismo*, ensinamento ou ritos reservados aos iniciados, diferente de *exoterismo*, conhecimento e ritos aos quais todos podem ter acesso. Célebres são os mistérios ligados às divindades de Mitra (culto desenvolvido por Zoroastro e Mani, donde o maniqueísmo, na Índia e Pérsia), Ísis, Osíris, Serápis (Egito), Dionísio, Elêusis, Orfeu, Átis, Cibele, Adônis (do mundo helenístico).

4.2 Conceito de “mistério” no cristianismo

O termo *mysterion* (*mistérion*) foi usado no Novo Testamento para traduzir o desígnio divino da salvação, que São Paulo concentra na pessoa de Jesus Cristo: este mistério Deus não o deu a conhecer no passado, mistério escondido desde toda eternidade; agora, porém, foi manifestado pelo Espírito Santo aos seus santos profetas e apóstolos, Cristo Jesus (cf *Ef* 3, 4-9; *Cl*. 2, 2-3; *Rm* 16,25 etc.). A missão de Paulo é “fazer conhecer a gloriosa riqueza deste *mistério* em meio aos gentios, ou seja, o Cristo em vós, esperança da glória” (*Cl* 1, 27) ou ainda iniciá-los “no perfeito conhecimento do *mistério de Deus*: Cristo, no qual estão *escondidos* todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (*Cl* 2, 2). Aos Efésios ele declara querer “anunciar ousadamente o *mistério* do Evangelho” (*Ef*. 6, 19).

O conceito de *mysterion* aparece 26 vezes no Novo Testamento. Ao traduzi-lo do grego para o latim usou-se a palavra *sacramento*.

¹⁰ Em grego *mysterion*, vocábulo polissêmico, significa: *silêncio, boca fechada*, ou ainda *aquilo que não se deve falar, aquilo que se deve receber em silêncio, tudo o que é inexplicável ou inefável*. Mistagogo vem de *mysterion* + *agoge* = conduzir ao mistério: é a missão típica do “instrutor” ou, no nosso caso, do “catequista”.

No início não tinha o significado teológico adquirido na Idade Média (os 7 sacramentos), mas abrangia um sentido muito mais amplo: as ações salvíficas de Deus. O grande teólogo beneditino Odo CASEL fez um paralelismo entre os *mistérios helenísticos* e os sacramentos cristãos. Ele definiu o *mistério* como “uma ação sagrada na qual o fato salvífico se faz presente no rito. A comunidade, ao celebrar o rito, toma parte na ação salvadora e recebe para si a graça divina”. Apesar da polêmica suscitada por esta ousada teoria, ela foi incorporada na teologia contemporânea e assumida pelo Vaticano II que fala do *mistério pascal (SC)*, *mistério da Igreja (LG)*, *mistério da salvação (AG)*, etc.

Importantes na concepção de *mistério* são também os sinais e símbolos, que ao mesmo tempo revelam e escondem a realidade divina que querem comunicar. “A liturgia da Igreja pressupõe, integra e santifica elementos da criação e da cultura humana conferindo-lhes a dignidade de sinais da graça, da nova criação em Jesus Cristo”¹¹. Um dos momentos mais significativos e essenciais da *iniciação cristã*, e quase como coroamento do processo iniciático, é justamente a *catequese mistagógica*. Somente após terem experimentado e vivido os mistérios sacramentais, é que os iniciados (neófitos) recebiam a explicação desses sinais e símbolos: era a *catequese mistagógica*. Com a racionalização da fé e a transformação da catequese em doutrinação, o processo inverteu-se: primeiro é preciso *explicar* os sinais, para depois experimentá-los...

Resumindo a teologia conciliar, os liturgistas afirmam que no *mistério* (nos sacramentos), a liturgia torna presente para cada crente e para todos os crentes, de qualquer época, a plena realidade da obra da salvação realizada uma vez por todos em Cristo Jesus¹². Por isso a catequese sempre esteve voltada para a recepção dos sacramentos da *iniciação*.

É muito comum entre nós, criticar e combater um certo tipo de catequese, denominada de *sacramentalista*. A expressão certamente quer denunciar a distorção de uma das verdades mais fundamentais

¹¹ *Catecismo da Igreja Católica* n° 1149.

¹² Cf. S. MARSILI, *Anámneseis*, Paulinas, São Paulo 1987, pp. 92-98

da catequética: que todo verdadeiro e autêntico processo catequético desemboca na celebração dos sacramentos, como momento culminante da participação no mistério de Cristo. A distorção está em reduzir a catequese à preparação sacramental quase que, como já foi dito acima, como uma devoção a mais, ou ao cumprimento de uma tradição de caráter mais cultural do que religiosa. Já houve sociólogo que disse ser o rito da primeira eucaristia um substituto quase que inconsciente, dentro da cultura católica, dos ritos de passagem: o/a menino/a, uma vez realizada a “primeira comunhão” deixou para trás a meninice e começa já a ser gente grande...A “primeira Eucaristia” de sua função maior de iniciação ao Mistério Pascal, foi rebaixado a mero rito social de passagem...

4.3 A iniciação cristã

Todas estas referências foram aqui colocadas para se compreender, em profundidade, o sentido da *iniciação cristã*: levar uma pessoa à participação nos *mistérios* de Cristo de Jesus. A restauração do *catecumenato*, com a devida inculturação, solicitada hoje pela Igreja, quer justamente voltar a esta dimensão mais mística, ou espiritualizante, da catequese. Em nossos dias, vivemos na cultura em geral uma grande demanda de transcendência, de uma certa religiosidade difusa, de contato com o misterioso, o divino, o diáfano. É claro que conceber a catequese, e particularmente a catequese com adultos, nesta linha da *iniciação cristã*, não é somente uma estratégia para responder às exigências do “mercado religioso” de hoje. Antes de tudo, é considerar a educação da fé num de seus aspectos essenciais: levar as pessoas a uma autêntica *experiência cristã*, em sua integridade.

O conjunto do mistério cristão, não pode ser vivido plenamente enquanto a pessoa não atingir uma certa maturidade psico-somática, social, cultural... Crianças, adolescentes e jovens podem sim, principalmente se auxiliados pelo ambiente familiar ou comunitário, ir descobrindo e desenvolvendo as maravilhas da vocação cristã. Isto pertence à mais pura tradição pedagógica cristã, e, como salesiano, estaria mesmo sendo infiel ao nosso carisma religioso, se não admitisse esta possibilidade. Mas sem dúvida, o adulto é quem tem maiores condições para assumir e viver plenamente a proposta de Jesus Cristo. A finalidade da educação aos jovens, adolescentes e crianças, é

justamente colocar os fundamentos para que tal maturidade possa ser vivida na “adultês” ou adultidade.

A iniciação cristã é definida como “a incorporação do candidato, mediante os três sacramentos da iniciação, no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, e na comunidade da Igreja, sacramento de salvação, de tal modo que o iniciado, profundamente transformado e introduzido na nova condição de vida, morre ao pecado e começa uma nova existência até sua plena realização. Esta inserção e transformação radical, realizada dentro do âmbito de fé da comunidade eclesial, onde o cristão vive e dá sua resposta de fé, exige, por isso mesmo, um processo gradual ou um itinerário catequético que o ajude a amadurecer na fé”¹³.

O estudo da CNBB, *Com adultos, catequese adulta*, assim descreve a iniciação cristã: “é processo de preparação, compreensão vital e de acolhimento dos grandes segredos (mistérios) da vida nova revelada em Jesus Cristo. O cristão convertido vai, então, aprofundando a acolhida do amor do Pai, do Filho e do Espírito e se colocando na dinâmica do amor serviçal aos irmãos. Neste itinerário ele vai experimentando a fé nos gestos salvíficos, nas palavras de Jesus Cristo, vividos e comunicados pela Igreja através do testemunho de vida, da Palavra e dos Sacramentos, e se abrindo à esperança que não engana (escatologia), etc. Esta era a função maior da catequese no início do cristianismo, no processo conhecido como *catecumenato*...”¹⁴.

5. Natureza da iniciação cristã

Embora, como vimos, haja pontos de contatos entre o conceito de iniciação nos cultos místéricos pagãos e o conceito de *mistério* usado também por nós cristãos, desde os primórdios do cristianismo a diferença entre as duas realidades foi sempre muito acentuada. A iniciação cristã, como fenômeno singular e de natureza diversa, é

¹³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Iniciación cristiana* n° 43.

¹⁴ CNBB, *Com Adultos, catequese adulta* = Estudos da CNBB 80, Paulus 2001, n° 103.



bastante diferente de outros tipos de iniciação, principalmente pelas seguintes características:

- 5.1. A *DV* afirma que Deus, em sua sabedoria e imensa bondade quis revelar-se a Si Mesmo e manifestar o mistério de sua vontade: por Cristo, a Palavra feito carne e no Espírito Santo, todos podemos chegar ao Pai e participar de sua natureza divina (cf *DV* 2). Aí encontramos o objetivo final da iniciação cristã, seu conteúdo e sobretudo sua origem: ela é obra do amor de Deus. A iniciação cristã é graça benevolente e transformadora, que nos precede e nos cumula com os dons divinos em Cristo. Ela se desenvolve dentro do dinamismo trinitário: pode-se dizer que os três sacramentos expressam também a unidade da obra trinitária na iniciação cristã: o batismo nos torna filhos do Pai, a eucaristia nos alimenta com o Corpo de Cristo e a confirmação nos unge com unção do Espírito.
- 5.2. Esta obra do amor de Deus se realiza *na Igreja e pela mediação da Igreja*. Como corpo de Cristo, sinal e germe do Reino, é a Igreja que anuncia a boa nova, acolhe e acompanha os que querem realizar um caminho de fé, coloca os fundamentos da vida cristã e principalmente incorpora a Cristo os que estão sendo iniciados pelos sacramentos da iniciação. É importante esta *dimensão eclesial* da iniciação particularmente para os catequistas: sua ação junto aos catecúmenos não é pessoal: eles falam em nome da Igreja. É através deles, e da comunidade que testemunha e apóia, que a Igreja exerce sua missão de mãe que gera novos filhos.
- 5.3. Este *dom* de Deus realizado na e pela *Igreja* tem um terceiro elemento: requer a *decisão livre da pessoa humana*. Pela obediência da fé a pessoa se entrega inteira e livremente a Deus e lhe oferece a homenagem total de sua inteligência e vontade (cf *DV* 5). No processo ou itinerário de iniciação a pessoa humana é envolvida inteiramente em todas as esferas e dimensões do ser. O fracasso ou falta de perseverança no caminho da fé se deve, muitas vezes, à falta deste envolvimento total dos iniciandos. Se isso é verdade para crianças e jovens, muito mais o é para os adultos.



5.4. A iniciação cristã é a participação humana no diálogo da salvação. Somos chamados a ter com Deus uma relação filial. Com a iniciação cristã o catecúmeno começa a caminhada para Deus que irrompe em sua vida e caminha com ele. Essa vida nova, essa participação na natureza divina constitui o núcleo e coração da iniciação cristã. O iniciado, profundamente transformado e introduzido na nova condição de vida, morre ao pecado e começa uma nova existência.

A partir desses quatro pontos podemos afirmar os *elementos essenciais* da iniciação cristã¹⁵:

- 1) O anúncio de Jesus Cristo e sua mensagem de salvação
- 2) O mistério pascal de Cristo
- 3) A Igreja, comunidade de salvação
- 4) A unidade indissolúvel dos três sacramentos da iniciação
- 5) A fé e a adesão pessoal à intervenção salvadora de Deus em Cristo pelo Espírito Santo
- 6) O amadurecimento da fé, a mudança progressiva e radical de mentalidade e estilo de vida, na comunidade eclesial.

O *Catecismo da Igreja Católica*, com outras palavras, afirma que o itinerário a ser percorrido na iniciação cristã, “deverá comportar sempre estes elementos essenciais: o anúncio da palavra, a acolhida do evangelho que leva à conversão, a profissão de fé, o batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à comunhão eucarística” (nº 1229).

Bastante articulada e mais condizente com nossa experiência catequética brasileira é a proposta do *Texto Base* desta 2a. Semana. Mais do que *elementos essenciais* (conteúdo), aí são descritos alguns *aspectos* da iniciação cristã: “conceber a catequese como *iniciação à vida cristã* implica assumi-la como um longo processo vital de introdução dos cristãos ainda não iniciados, seja qual for a sua idade, nos diversos aspectos essenciais da fé cristã. É óbvio que não se trata

¹⁵ Manuel del CAMPO, *La iniciación cristiana y catequesis in Evangelización, catequesis, catequistas: una nueva etapa para la Iglesia del Tercer Milenio*, Editorial EDICE, Madrid 1999, p. 160.

de *tudo*, o que é impossível, mas de *um todo* elementar e coerente, como base sólida para a caminhada «rumo à maturidade em Cristo». É bom relembrar aqui que esta base da vida cristã, conforme o mesmo *Texto Base*, é composta das seguintes dimensões, profundamente interligadas entre si:

- 1) experiência de Deus (*dimensão afetiva*);
- 2) participação na comunidade (*dimensão comunitário-participativa*);
- 3) celebração litúrgica e oração (*dimensão celebrativa*);
- 4) interação entre fé e vida e serviço fraterno, de acordo com os valores do Reino (*dimensão sociotransformadora e inculturada*);
- 5) a formulação da fé (*dimensão racional-intelectual*);
- 6) o diálogo com outras experiências religiosas e com o mundo e testemunho fraterno no convívio diário com o pluralismo (*dimensão ecumênica e de diálogo inter-religioso*);
- 7) o relacionamento de cuidado com o cosmos (*dimensão ecológica ou cósmica*)¹⁶.

6. Características, organização e metodologia

6.1 Características da catequese de iniciação

Orientada para os adultos, a catequese de *iniciação*, mantém também, conforme (*DGC 67*) as seguintes características fundamentais:

- 1) ser um aprendizado dinâmico da vida cristã, uma iniciação integral que favoreça o seguimento de Jesus Cristo;
- 2) fornecer uma formação de base, essencial, centrada naquilo que constitui o núcleo da experiência cristã (Páscoa de Jesus), lançando os fundamentos do edifício espiritual do cristão;
- 3) possibilitar a incorporação na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé, superando o conceito de catequese como mero *ensino* para assumir o de *encontro*;
- 4) proporcionar formação orgânica e sistemática da fé;

¹⁶ CNBB, *Com adultos, catequese adulta* n° 104.

- 5) experimentar o compromisso missionário para o estabelecimento do Reino de Deus no coração das pessoas, em suas relações interpessoais e na organização da sociedade.

6.2 Organização e conteúdos da catequese de iniciação

Ao tratar da *organização* e dos *conteúdos dessa catequese* de iniciação, o nosso *Texto Base*, se refere à grande tradição da Igreja sintetizada também no *DGC* (nºs 130; cf. 108, 204). Trata-se dos sete marcos fundamentais da catequese:

- 1) as três etapas recebidas da *tradição dos Santos Padres* e das figuras importantes da Igreja nos primeiros séculos, do período do catecumenato (dimensão histórica ou narrativa da fé), com seus respectivos conteúdos: *Antigo Testamento*, *Vida de Jesus Cristo* e *História da Igreja*;
- 2) as quatro colunas recebidas da *tradição dos catecismos* (dimensão do conhecimento, intelectual da fé), com seus respectivos conteúdos: *Credo* (fé professada), *Sacramentos* (fé celebrada), *Bem-aventuranças e Mandamentos* (fé vivida = moral); *Pai nosso* (fé orada).

Fiel ao princípio da *interação fé-vida* de nossa *catequese renovada*, o *Texto Base* não poderia deixar de fazer uma observação fundamental a respeito do *conteúdo* desta catequese: “Um conteúdo especial, que perpassa todos esses e se confronta com eles, é a própria realidade. Trata-se do célebre princípio proposto pelo documento catequético de *Medellín*: «As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese»¹⁷.

É necessário lembrar, defender e renovar este princípio fundamental, diante de tendências que cada vez mais se afastam das conquistas feitas num passado recente. É a propensão, difundida em muitos movimentos dentro e fora da Igreja, de buscar no sentimento religioso uma certa evasão e fuga da realidade, ou levar a religiosidade

¹⁷ *Id.* nº 108 citando *Medellín*, Doc. 8, nº 6; cf. CR 73-74; 93; 101.

para o foro meramente íntimo. Nosso *Texto Base* previne uma tal distorção: “Em todos esses marcos da catequese da iniciação, não se visa apenas o *conhecimento*, mas sobretudo a *prática dos valores evangélicos* diante dos apelos de Deus discernidos nos sinais do nosso tempo. O movimento catequético brasileiro tem enfatizado a necessidade de que tais conteúdos sejam transmitidos na medida em que se faz uma caminhada de fé em comunidade, numa interação entre as formulações da fé e a vida (cf *CRIV* parte)” (*CA* 107). Portanto, a integridade do conteúdo na catequese, não se reduz apenas aos temas doutrinários, mas envolve sobretudo a *experiência cristã* vivida particularmente na comunidade.

6.3 Metodologia da catequese de iniciação e catecumenato

Prevenindo sobre a confusa identificação do *processo catecumenal* com o movimento típico do *neocatecumenato*, que aliás, possui muitos méritos, mas também pontos que precisariam ser repensados (cf *CA* 108), o *Texto Base*, diz que “para alcançar eficazmente os objetivos da *iniciação cristã* almejada pela catequese, fazendo a interação entre fé e vida, hoje se propõe como *roteiro metodológico* para qualquer destinatário (adultos, jovens ou crianças) um caminho catecumenal, entre os muitos possíveis” (nº 108). Lembra também que o *catecumenato primitivo* foi “a instituição catequética de maior organização e eficácia na consolidação do cristianismo” e que é preciso ser assumido “de modo criativo e inculturado”. Nota ainda que “naquela época o itinerário catecumenal era realizado por adultos que procuravam o batismo numa situação diferente da nossa cultura religiosa hoje” (nº 109).

Aqui seria o caso de perguntar-nos se realmente *a caminhada de nossas pequenas comunidades*, em sua forma de CEBs, círculos bíblicos ou as diversas formas urbanas de vivência comunitária da fé, não funcionam verdadeiramente como processos iniciáticos, uma vez que seus elementos principais aí estão presentes! A grande diferença é que as dimensões comunitária e diaconal (*serviço, caridade*) estão muito mais presentes do que em outros itinerários de iniciação, onde as coisas são vividas mais no âmbito pessoal, ou quando muito num tipo de comunidade muitas vezes fechada em si mesma (*ad intra* e não *ad extra*).

A quarta parte de *CR* descreve, de uma maneira idealizada (cf nº 286) como estas comunidades vão se fortalecendo cada vez mais em sua adesão ao Evangelho, na medida em que vão interagindo os quatro elementos da caminhada da comunidade, o que, na verdade pode ser considerado um *autêntico itinerário de iniciação cristã*: a união entre os membros, a abordagem da realidade, a vida eclesial e a explicitação da fé (cf nº 288).

Esclarecendo melhor: na medida em que a comunidade cresce no conhecimento da Bíblia, cresce também sua oração, a vivência da Palavra de Deus, seu compromisso com a transformação da realidade. Por outro lado, quanto mais a comunidade lança um olhar crítico sobre a realidade social, tentando transformá-la à luz da fé, mais sente a necessidade de se abastecer com a Palavra de Deus, com a oração, com a vida eclesial. Assim, neste processo de interação fé-vida, o cristão vai crescendo no seguimento de Jesus Cristo: a comunidade torna-se verdadeiramente adulta na fé¹⁸. “À medida que crescem na maturidade cristã, passam a ter critérios evangélicos para analisar o que acontece e são levados a orar permanentemente ao Espírito Santo, muitas vezes até com lágrimas, sobre graves aspectos do contexto social, como Jesus o fez sobre Jerusalém e sobre o povo sofrido” (*CA* nº 3).

Não se trata de estabelecer qual desses passos é o primeiro ou quanto tempo dura cada um para se passar para outro, o que em geral é bastante determinado e controlado em itinerários catecumenais. A caminhada da comunidade, sendo um processo dinâmico e dependendo das pessoas, possui ritmos diferentes conforme uma série de elementos de sua vida (*CR* nº 288). Esta caminhada é longa, e, dentro de um processo permanente, tende a prolongar-se indefinidamente (*CR* nº 284), estando sempre presente o princípio de interação fé-vida.

¹⁸ Sobre este processo de interação entre fé e vida nas CEBs, pelo qual as situações concretas da existência são interpretadas à luz do Evangelho com significativas repercussão na vida das pessoas e da sociedade, pode-se aprofundar no artigo de Álvaro BARREIRO, *As comunidades Eclesiais de Base como modelo inspirador da nova evangelização* in *Perspectiva Teológica* 24(1992) 331-356.

É preciso ainda relevar, que não se trata de processo direcionado a um determinado tipo de pessoas ou para uma determinada finalidade (catequese de crianças, catequese sacramental, etc.). Trata-se de um processo comunitário-catequético que visa, sim, o crescimento da fé de toda uma inteira comunidade. É claro, que em primeiro lugar, os mais importantes sujeitos-interlocutores desta catequese são os adultos¹⁹.

Por fim, quem são os *destinatários* ou *interlocutores* do processo de *iniciação* cristã? A resposta é abrangente: todos os fiéis, de qualquer faixa etária e que não tenham sido suficientemente iniciados na fé (em sentido profundo); “como entre nós predomina o grande número de *adultos batizados, mas não evangelizados* ou iniciados na fé (também chamados de *afastados* ou *indiferentes*), *é a eles que, de modo especial, a catequese de iniciação deve se dirigir*” (nº 111).

7. Sentido e alcance do proceso de iniciação²⁰

7.1. Um itinerário de exercício de vida cristã

Superando uma catequese meramente doutrinal, a aspiração do itinerário iniciático é constituir-se num exercício gradual, mas completo, da vida cristã, entendida em todas as suas dimensões, tanto em seu aspecto de *dom*, quanto de *compromisso*: escuta da Palavra, aprofundamento orgânico e sistemático da mesma, introdução à experiência litúrgica e de oração, o testemunho de vida e compromisso com o serviço aos irmãos (obras de caridade), a vivência dos compromissos que resultam da conversão e do seguimento de Jesus

¹⁹ É justamente no prisma de “catequese com adultos” que é tratado o processo catequético nas CEBs na obra de E. ALBERICH - A. BINZ, *Formas e modelos de catequese com adultos*, o. c. pp. 16-171. Para uma maior análise desse processo catequético, que aqui estamos colocando também sob o foco da *iniciação cristã* mais ampliada, pode-se consultar LUIZ ALVES DE LIMA, *A face brasileira da catequese. Um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório «Catequese Renovada»*, Universidade Pontifícia Salesiana, tese de doutorado nº 346, Roma 1995, pp 420-425.

²⁰ Para este item, faço uso do artigo de Manuel DEL CAMPO, *Iniciación cristiana*, La, in *Nuevo Diccionario de Catequesis*, Paulus, Madrid 1999, I volume, pp. 1238-1259. Em breve este dicionário será editado em português.

Cristo (formação moral), a educação para a vida comunitária, com abertura ao pluralismo e diálogo, a iniciação à missão. Todas estas tarefas são necessárias, implicam-se mutuamente e, sobretudo devem estar profundamente alicerçadas na *experiência humana*, a fim de que a fé não permaneça na personalidade como um penduricalho a mais, algo marginal ou muito relativizado (cf. *DGC* 85-88).

7.2. Um itinerário de formação da fé cristã

É necessário que seja um itinerário de formação orgânica, sistemática e básica da fé cristã. Toda catequese é um ato de tradição viva a serviço da transmissão da fé. Seu conteúdo é a *revelação de Deus* entendida como irrupção do amor de Deus e seu desígnio amoroso de salvação na vida das pessoas, a partir das grandes experiências de fé do Povo de Deus, da pessoa de Jesus e da comunidade eclesial ao longo dos séculos. Por isso, os conteúdos da iniciação cristã não são afirmações vãs ou idéias para ilustrar o pensamento, ou ainda simples normas de conduta. São realidades, acontecimentos do amor de Deus em Jesus pelo Espírito na Igreja e como tais devem ser experimentadas nos símbolos da fé, nos ritos sacramentais, no testemunho de vida dos santos, na herança espiritual, nas obras de caridade, na vida da comunidade. Tudo isso se expressa em linguagem bíblica, litúrgica, doutrinal, testemunhal, servicial... Esta repercussão existencial da mensagem cristã na vida é resumida naquela célebre afirmação de Santo Agostinho ao diácono Deogratias: “Explique de modo que a pessoa a quem você dirige escutando creia, crendo espere e esperando, ame!”

7.3. Um itinerário progressivo e gradual

Conforme a pedagogia divina que se revela por etapas e gradualmente, também o itinerário da iniciação à fé deve ser progressivo e gradual. É essa a tradição do itinerário catecumenal. Estes vários passos são descritos minuciosamente no RICA e retomados pelo *DGC*: tempo do anúncio, entrada no catecumenato, o longo tempo do catecumenato, eleição e inscrição, purificação-iluminação, celebração dos sacramentos-mistérios da iniciação e o tempo da mistagogia. Tudo isso marcado pelos símbolos, ritos, orações e celebrações, e com forte participação das pessoas envolvidas: o catecúmeno, o

catequista, o padrinho, os ministros dos sacramentos e sobretudo da comunidade.

O grande mérito do RICA é ter cuidado da parte mais litúrgica e ritual do processo iniciático, que é parte integrante do processo catequético. Fica em aberto, toda a questão metodológica, principalmente no que se refere à catequese propriamente dita. Já há vários modelos, como já pudemos ver e tais experiências devem ser cada vez mais enriquecidas.

7.4. Formas de iniciação cristã

- a) *Catecumenato de pessoas não batizadas*, sejam elas crianças, jovens ou adultos. Aumenta cada vez mais o número destas pessoas, principalmente adultos, que pedem o batismo. Muitos vão à procura dos sacramentos de iniciação em vista do casamento ou outras motivações nem sempre autênticas. É preciso acolhê-las e, através de um eficaz anúncio missionário procurar suscitar motivações profundas que possibilitem um itinerário catecumenal carregado com todo aquele sentido que acima já foi apresentado.
- b) *Catecumenato pós-batismal*, ou seja para pessoas já batizadas mas que devem agora aceder aos demais sacramentos da iniciação, sejam crianças (o que é o mais comum), jovens ou adultos. É uma forma de iniciação mais generalizada, sobre a qual afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: “Por sua própria natureza, o batismo de crianças exige um *catecumenato pós-batismal*. Não se trata somente da necessidade de uma instrução posterior ao Batismo, mas do desabrochar necessário da graça batismal no crescimento da pessoa: é o momento próprio da catequese” (nº 1231).

Este tipo de *catecumenato pós-batismal* é necessário sobretudo para muitos adultos que já foram também catequizados, porém insuficientemente iniciados na fé. Receberam uma catequese que não tocou profundamente sua *opção por Jesus Cristo*. Às vezes trata-se mesmo de pessoas que freqüentam nossas comunidades, participam da Liturgia e dos grupos comunitários, mas ainda não descobriram as

riquezas do *mistério* de Cristo e de seu Evangelho. São pessoas que necessitam urgentemente de um *catecumenato pós-batistmal*, no sentido de uma *re-iniciação* à fé, refazendo todo o caminho de conversão e adesão a Jesus Cristo e sua Igreja. “A catequese pós-batistmal, sem dever reproduzir mimeticamente a configuração do catecumenato batistmal, e reconhecendo aos catequizandos a sua realidade de batizados, deverá inspirar-se nesta «escola preparatória à vida cristã», deixando-se fecundar pelos seus principais elementos caracterizadores” (DGC 91)

- c) *Catecumenato para os afastados*: talvez aqui esteja o grande desafio da catequese com adultos, ou da evangelização em geral. São pessoas já batizadas, provavelmente por tradição, mas que não completaram sua iniciação, ou se a completaram, não são praticantes ou afastaram-se da Igreja pelos mais diversos motivos. São batizados que precisam ser evangelizados. “Antes se batizava o convertido, agora é preciso converter o batizado” (C. FLORESTAN). A CT os chama de “quase catecúmenos”²¹.

Existem muitas iniciativas pastorais que, de uma maneira ou de outra, conseguem atender e re-iniciar tais pessoas na fé. Entretanto, dentro do espírito da *nova evangelização*, é necessário um maior impulso em projetos evangelizadores e missionários que correspondam a esta situação, principalmente nos grandes centros urbanos. A este respeito observa o DGC: “A atual situação da evangelização postula que as duas ações, o anúncio missionário e a catequese de iniciação, sejam concebidas de forma coordenada e oferecidas, na Igreja particular, mediante um projeto evangelizador missionário e catecumenal unitário. A catequese deve ser vista, hoje, antes de tudo, como a conseqüência de um anúncio missionário eficaz. O ensinamento do decreto conciliar *Ad Gentes* (11-15), que coloca o catecumenato no contexto da ação missionária da Igreja, é um critério de referência muito válido para a catequese” (nº 277).

²¹ CT nº 44, sobretudo no título.

Conclusão

A importância na vida da Igreja dos processos de *iniciação à fé* e a situação de um quase *pós-cristianismo* que estamos vivendo (cf *DGC* 110) precisam desencadear em toda Igreja, como prioridade e urgência, uma ação vigorosa e decidida de tipo missionário: com força e clareza anunciar Jesus Cristo, a Palavra da vida, e convocar à fé os que não crêem ou reavivá-la e fortalecê-la naqueles que são frágeis na fé. É urgente evoluir de uma pastoral de conservação, para uma ação missionária explícita, para o anúncio daquilo que é essencial no evangelho. Isso pressupõe uma proximidade muito grande das pessoas, em sua situação concreta de vida, para que o Evangelho ressoe verdadeiramente como Boa Nova de salvação.

A restauração do catecumenato, caracterizando-se pela dimensão litúrgico-ritual, certamente levará a uma maior presença, nos processos catequéticos, da dimensão orante e da espiritualidade, sem prejuízo nem oposição com a dimensão sócio-transformadora. A tomada de consciência sobre a importância dos processos iniciáticos, certamente haverá de renovar e impulsionar a Igreja em suas estruturas e organização.

Esta consciência da necessidade da transmissão da fé, para sermos fiéis ao mandato do Senhor, está intimamente unida com as exigências da iniciação cristã. Transmissão da fé e iniciação cristã mutuamente se reclamam e se aperfeiçoam. Tendo presente estes três elementos decorrentes da evangelização: transmissão da fé, iniciação cristã e catequese, podemos concluir com estas afirmações em forma de *desafios*:

- 1) Dar à catequese uma dimensão cada vez mais evangelizadora, principalmente com relação aos adultos religiosamente indiferentes, que necessitam de uma catequese com acento mais missionário ou querigmático;
- 2) Consolidar a catequese como atividade especificamente de *iniciação* aos mistérios cristãos, desenvolvendo melhor sua dimensão catecumenal, acentuando a conversão e uma autêntica experiência de Deus;

- 3) Vincular a catequese de iniciação à catequese permanente e vice-versa;
- 4) Libertar-se da prática de catequese quase que exclusivamente às crianças e concretizar a opção pela catequese de adultos;
- 5) Buscar o equilíbrio no cultivo das diversas dimensões da fé sem dicotomias nem unilateralidades, principalmente diante de tendências fortemente intimistas e subjetivistas de certos movimentos;
- 6) Enfrentar com mais vigor o desafio da inculturação da fé, principalmente em suas expressões na liturgia e nas formulações da fé, com o auxílio da renovada reflexão teológica e o esforço de toda a Igreja. É possível uma catequese inculturada somente numa Igreja que se esforça nesta direção. Neste sentido é urgentíssimo o problema da linguagem: os cristãos e a sociedade contemporânea não entendem ou entendem pouco a linguagem oficial da Igreja. A linguagem é expressão de mentalidade; mudar a mentalidade exige conversão: talvez os convertidos e verdadeiramente iniciados ou re-iniciados na fé seriam capazes de re-inventar uma linguagem capaz de transmitir, com maior compreensão, a fé para a mentalidade de hoje...

Bibliografia

1. ALBERICH Emílio – A. BINZ, *Formas e Modelos de Catequese de adultos*, Editora Salesiana, São Paulo 2001.
2. ALVES DE LIMA Luiz, *A face brasileira da catequese. Um estudo histórico-pastoral do movimento catequético brasileiro das origens ao diretório «Catequese Renovada»*, Universidade Pontifícia Salesiana, tese de doutorado n° 346, Roma 1995.
3. CHAVALIER Jean, *Iniciación, Misterio*, Ediciones Mensajero, Bilbao pp. 219-220; 325-326.

4. CNBB-GRECAT, *Com adultos, catequese adulta: texto base elaborado por ocasião da 2a. Semana Brasileira de Catequese* = Estudos da CNBB 80, São Paulo, Paulus 2001 (É o texto base da 2ª. SBC).
5. CNBB-GRECAT, *Itinerário da fé na "iniciação cristã de adultos* = Estudos da CNBB 82, São Paulo, Paulus 2001.
6. CNBB-GRECAT, *Segunda semana brasileira de catequese: catequese com adultos* = Estudos da CNBB 84, São Paulo, Paulus 2002, 555 pp. (É uma espécie de Atas deste congresso catequético).
7. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ESPANHOLA, *Iniciación cristiana* in *Boletín oficial de la Conferencia Española*, (1998) nº 59, pp. 75-111.
8. CONFERENCIA EPISCOPAL ITALIANA – CONSIGLIO PERMANENTE, *Per il catecumenato degli adulti* in *Il Regno XLII* (1997), giugno, nº 794, pp. 343-445.
9. DEL CAMPO Manuel, *Iniciación cristiana*, La in *Nuevo Diccionario de Catequesis*, Paulus, Madrid 1999, I volume, pp. 1238-1259.
10. ID., *La iniciación cristiana y catequesis* in CAÑIZARES A. (ORG.), *Evangelización, catequesis, catequistas: una nueva etapa para la Iglesia del Tercer Milenio*, Editorial EDICE, Madrid 1999, pp. 145-186.
11. DUJARIER Michel, *Breve storia del catecumenato*, Elle Di Ci, Leumann (Torino) 1984.
12. FLORISTÁN Casiano, *Catecumenato: história e pastoral da iniciação*, Vozes, Petrópolis 1995.
13. GARCÍA AHUMADA Enrique, *Catequesis de iniciación y permanente con adultos* in *Medellín XXVI* (2000) nº 104, pp. 457-480.
14. KÖNING F. – H. WALDENFFELS, *Iniciação* in *Léxico das religiões*, Vozes, Petrópolis 1998, pp. 284-285; *Mistério* in *ibid.*, pp.366-367.

15. MARSILI S., *Anámnese*, Paulinas, São Paulo 1987.
16. MARSILI S., *Sacramento* in TRIACCA Achille – Domenico SARTORE (ORG.), *Dicionário de Liturgia*, Paulus, São Paulo, 1992, pp. 1058-1069.
17. NERY Irmão, *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*, Paulus, São Paulo, 2001.
18. NEUHEUSER B., *Misterio* in TRIACCA Achille – Domenico SARTORE (ORG.), *Dicionário de Liturgia*, Paulus, São Paulo, 1992, pp. 756-771.
19. SCHLERINGER Hugo – Humberto PORTO, *Iniciação* in *Crenças, Seitas e Símbolos religiosos*, Paulinas, São Paulo 1983, pp. 202-203.